

ESCAVAÇÃO DA MAMOIA 4 DE ALAGOAS (ESCARIZ-AROUCA) 1987-1988

por

Fernando Augusto Pereira da Silva *

RESUMO

A escavação da Mamoa 4 de Alagoas, revelou tratar-se genericamente de um *tumulus* comum aos já por nós estudados nesta região do sul do Douro, o concelho de Arouca, pois trata-se de um montículo basicamente constituído por terras encerrando uma estrutura funerária no seu interior, tudo coberto por uma couraça de pedras. Apesar de tal característica comum na região, cobria um dolmen de corredor curto, com uma câmara poligonal alongada no sentido Norte-Noroeste/Sul-Sudeste, muito destuída, de que restavam apenas um esteio completo e o fragmento de um outro cujo resto estava tombado sobre o montículo. A essa câmara acedia-se por um corredor com cerca de quatro metros de cumprimento por cerca de um de largura, também muito destuído, com apenas o lado direito melhor conservado, aberto a Nascente e não se abrindo na periferia do *tumulus* mas a cerca de três metros daquela, parecendo ser envolvido por uma possível estrutura de fecho.

Do pouco espólio recolhido verifica-se uma grande identidade quando comparado com o de outros monumentos já estudados, pese embora uma tipologia diferenciada. Do espólio constam dois geométricos, um fragmento de uma lâmina, lascas residuais, fragmentos cerâmicos incarcaterísticos e duzentas e seis contas discóides, perfuradas, em xisto. O monumento revelou ainda, gravada num esteio do corredor, lado direito, um motivo reticulado, com aparentes semelhanças aos do Dolmen 1 da Alviada, Escariz-Arouca.

O dolmen da Mamoa 4 de Alagoas, é o primeiro monumento deste tipo assinalado no conjunto dos monumentos da região do Sudoeste da Bacia do Arda, concelho de Arouca, apresentando porém uma certa identidade ao nível particular dos espólios e motivo gravado, pelo que nos parece poder situá-lo cronologicamente adentro dos mesmos parâmetros estabelecidos para os outros monumentos, meados/finais do IV milénio a.C. e inícios do III milénio a.C., em datação relativa pois, até ao momento, não possuímos datação absoluta alguma para o Megalitismo da região.

SUMMARY

We publish in this article the results obtained through the excavation carried out in 1987-1988, at the barrow Alagoas 4, Escariz-Arouca (Aveiro). This monument is similar to those of this type existing in the region south of the Douro river (council of Arouca): it consists of an earthen *tumulus*, with a funerary structure in the interior, all of it covered by a layer of small stones. Such characteristic is known in the region but the megalith structure that once existed there, is unusual, it was a monument with a polygonal chamber oriented North-North-West/South-South-East and a low passage oriented to the East.

* Centro de Arqueologia de Arouca. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia.

Although the great destructions which had affected the dolmen we gather some grave goods: two geometric microliths, a fragment of a blade and three residual flakes, all these made out of silex; pots sherds; 206 perforated beads made out of schist.

On the inner face of the stone nº 7, on the passage, is a grid motif carved by picking, and without painting. The motif is similar to that of the dolmen Aliviada 1, few hundred metres to South-West.

In spite of the typology of this dolmen, there is occurrence of the same type of the assemblage found on barrows of South-West river Arda basin, council of Arouca. So, we believe that this monument would date from the late mid-fourth millennium b.C. or, the early third millennium b.C., although we had not yet radiocarbon dates for the megalithism of the region.

1. INTRODUÇÃO

A Mamoa 4 de Alagoas está inserida no núcleo dos monumentos com o mesmo nome, e um dos que comporta maior número de *tumuli* da freguesia de Escariz¹. Apesar desse facto, a relação que tais montículos apresentam entre si, leva a que consideremos a Mamoa 4 como o monumento que se apresenta relativamente isolado².

Aquele aspecto, o facto de apresentar face aos restantes monumentos do núcleo, um certo destaque e ainda o tratar-se aparentemente de um monumento de corredor, único conhecido para o conjunto de monumentos sob *tumulus* desta região do fundo do concelho de Arouca, levou-nos à realização de uma campanha de escavações, permitindo dar seguimento aos nossos trabalhos de investigação sobre o Megalitismo a sul do Douro, centrados no concelho de Arouca³, formando o estudo deste monumento mais um elo da cadeia do conhecimento que pretendemos alcançar, referente às comunidades que construíram e utilizaram tais estruturas deposicionais funerárias.

¹ Presentemente o núcleo de Alagoas conta com 11 *tumuli* referenciados, tendo o último montículo sido assinalado durante o ano de 1987.

² Silva, F. — A.P. (1986), *Monumentos Megalíticos da Freguesia de Escariz (Arouca). Ponto da situação à luz dos primeiros trabalhos*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 26 (1-4), pp. 51-74. Este trabalho, que representa uma sùmula breve dos nossos conhecimentos sobre o «megalitismo» da região até ao ano de 1985, considera a existência de três sub-núcleos, em Alagoas: um formado pelas mamoas 6 e 7, como se pode verificar na Fig. 4, p. 58 do citado trabalho. Uma reanálise da distribuição espacial dos *tumuli* levou à consideração e interpretação da Mamoa 4 de Alagoas, como se tratando de um monumento «isolado», face aos diversos *tumuli* do núcleo.

³ Ao estudarmos o Megalitismo a sul do rio Douro, estabelecemos o que nos parece ter sido um espaço natural, como o definido pela bacia do Vouga e o Alto Paiva, sendo no contexto dessa área que uma região como a de Arouca, desempenha um papel de primordial importância, donde termos escolhido tal região como o centro nuclear de todo o nosso trabalho, partindo-se daqui para a articulação com todo o Megalitismo da área geográfica natural, como foi por nós definida: a Norte o Douro, a nascente os relevos montanhosos de Montemuro, Arada e Caramulo, a Sul os limites meridionais da bacia do Vouga e, a poente, o Oceano Atlântico.

Os trabalhos de escavação funcionaram em regime de Campo de Trabalho, tendo participado além de estudantes de vários graus de ensino, licenciados em História e Arqueologia, nacionais e estrangeiros⁴. A esta campanha de escavações deram o seu apoio, além da Autarquia local, o Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, o Governo Civil de Aveiro e o Instituto Português do Património Cultural⁵.

2. LOCALIZAÇÃO E IMPLANTAÇÃO DA MAMOA 4 DE ALAGOAS METODOLOGIA UTILIZADA NO SEU ESTUDO

A Mamoa 4 de Alagoas, está localizada na freguesia de Escariz, concelho de Arouca, numa chã muito arborizada e cortada pela estrada nº 327. Implantada nessa chã, onde ocupa uma posição relativamente central, não é um monumento único pois a cerca de 300 metros para SSE, encontra-se um outro montículo, de menores dimensões muito violado e abatido, quase aplanado⁶ e, já cortado pelo caminho que daquela estrada leva, na direcção SSW, às pedreiras da Serra Grande, assinalamos um outro *tumulus*, de grandes dimensões, o qual só se torna nítido na vertente voltada sensivelmente a Este, e que numerámos com o nº 11⁷, localizando-se a uma distância de cerca de 400 metros para SSE da Mamoa 4 de Alagoas.

Este montículo, de dimensões médias e coberto por vegetação erbácea, apresentava nítidos vestígios de ter sido violado, como o atestava a existência de uma grande cratera de violação, orientada sensivelmente de Norte-Sul e que continha no seu interior, além de um grande número de blocos graníticos amontoados, pertencentes possivelmente ao contraforte da câmara funerária, também alguns fragmentos de esteios, de que um, quase intacto, jazia sobre o montículo. A configuração da violação, que se prolongava no sentido Este, sendo ladeada, de um único lado, por alguns blocos de granito que sobressaíam da massa monticular, levou-nos de imediato a pensar que estaríamos em presença de um monumento funerário de corredor, o que a confirmar-se, como se verificou, seria da maior importância pois de todos os *tumuli* do Conjunto Megalítico de Escariz, este seria o único referenciado como possuindo corredor de acesso à câmara funerária, donde todo o interesse posto no seu estudo,

⁴ Queremos expressar os nossos agradecimentos, particularmente aos D.^{as} Maria de Lurdes Benigno, António Manuel Silva e aos estudantes Vítor Gomes Ferreira e Manfred Diez i Garcia.

⁵ A todas estas entidades agradecemos todo o apoio recebido. A autorização para a escavação do monumento foi concedida por Despacho de 14 de Maio de 1987.

⁶ Trata-se da Mamoa 5 de Alagoas que inicialmente tínhamos incluída juntamente com a Mamoa 4 de Alagoas, num sub-núcleo; V. nota 2.

⁷ Embora a existência deste montículo já fosse do nosso conhecimento em 1983/84, só agora foi possível procedermos à sua confirmação como *tumulus*.

pela possibilidade de poder articular-se tal espaço deposicional, com aqueles já estudados⁸.

A planta do *tumulus* mostra-se como sendo circular, com um diâmetro de cerca de vinte e três metros, uma altitude acima do nível do mar de cerca de 556 metros, destacando-se do solo circundante cerca de 1 metro, no sector Este.

Como coordenadas geográficas, a Mamoa 4 de Alagoas apresenta as seguintes:

40° 55' 17" Latitude N.,
0° 45' 45" Longitude E. Lx⁹,

segundo a Carta Militar de Portugal, dos Serviços Cartográficos do Exército, Folha 154-S. João da Madeira, Esc. 1/25.000 (Fig. 1).

Quanto à metodologia utilizada no estudo deste monumento funerário sob *tumulus*, seguimos aquilo que sempre aplicamos ao estudo destas estruturas, consistindo no desbaste da vegetação e levantamento altimétrico da planta, à escala de 1/20.000, marcação de dois quadrantes a partir de eixos ortogonais, orientados segundo os pontos cardeais e com dois metros de lado, formando-se assim quatro sanjas de escavação, as quais não tendo sido suficientes para o estudo das estruturas internas do montículo, viram-se acrescidas com quadrículas de malha de dois metros. Após as operações de decapagem das terras superficiais, nas áreas previamente marcadas, para delimitação do nível pétreo de cobertura, e após o registo exaustivo do mesmo, procede-se à sua desmontagem, seguindo-se-lhe a decapagem total das terras do *tumulus*, até ao substrato rochoso. Os cortes obtidos são verticalizados para leitura estratigráfica. Os espólios recuperados durante as acções de escavação, embora nos apareçam, na generalidade dos casos, fora dos seus contextos, são contudo todos registados tridimensionalmente.

3. A MAMOA 4 DE ALAGOAS

3.1. Análise estrutural do *tumulus*

Se inicialmente a mamoa nos aparecia como um montículo de planta circular, com um diâmetro de cerca de vinte e três metros (Fig. 2), as operações de decapagem das terras húmidas superficiais e a abertura das sanjas de escavação, revelaram-nos estar-se perante um montículo de menores dimensões, com cerca de 18 metros de diâmetro (Fig. 3, 4).

A escavação mostrou que se trata de mais um *tumulus*, formado essencialmente por uma massa de terra, coberta por uma carapaça lítica. Tal

⁸ V. nota 2.

⁹ Por razões de uniformidade prática passa-se a adoptar, nas coordenadas geográficas, a Longitude referida ao Meridiano de Lisboa e não ao Meridiano Internacional.

montículo que, como já deixamos dito a páginas precedentes, tem uma localização numa chã, mais propriamente no limite da curva de nível que se prolonga em chã de orientação Este-Nordeste, com um recorte em calote, de que se destaca melhor o sector voltado a Este, com um desnível face ao solo de cerca de 1 metro, não acontecendo o mesmo no quadrante Noroeste-Sul-Sudeste, em que vemos o montículo parcialmente afundado em relação ao topo do solo.

Na composição deste *tumulus* foram utilizadas terras castanhas escuras, quase negras, a que foi dado aquele formato em calote, tendo depois os construtores recoberto tudo com um empedrado formado por pedras de granito de pequeno e médio tamanho (Fig. 4), o qual porém, como os trabalhos mostraram, se apresentava muito destruído na totalidade das sanjas de escavação, estando quase que ausente nas áreas do topo monticular, a que deverá estar ligado o se ter aí verificado a principal violação, como o parece comprovar a cratera existente (Fig. 5).

A massa terrosa coberta por tal couraça lítica, encerrava no seu interior um verdadeiro amontoado de blocos de tipo «cairn», o qual por sua vez fazia a contrafortagem do dolmen de corredor nele contido. O *tumulus* era também delimitado por um anel de blocos, em granito, que rodeava por completo, formando uma coroa circular, com funções de contenção da massa tumular (Fig. 6), como temos constatado em todos aqueles monumentos que por nós têm sido escavados na região.

Tal coroa de blocos não assentava directamente sobre a rocha de base, o xisto-grauvaque, mas sim sobre uma camada de terra castanha amarelada clara, correspondente ao nível superior daquela, onde parece que o monumento foi construído (Fig. 6, 7). Sobre tal estrutura de contenção periférica vinha pousar o nível da couraça, o qual se prolongava ainda para a periferia, embora tal prolongamento possa não ser intencional e ser devido a derrubes próprios de alguns elementos pétreos da couraça¹⁰.

Não podemos deixar de referir que, pelo que nos foi dado observar, tudo indica que os construtores da Mamoa 4 de Alagoas, ergueram tal estrutura funerária sobre um solo ao qual parece terem retirado, previamente, a sua camada humosa, pois nos cortes obtidos nada foi assinalado que permitisse interpretar estratigraficamente como vestígio de um solo «enterrado», anterior ou contemporâneo da construção, sob o *tumulus*¹¹.

¹⁰ Na Mamoa 2 da Aliviada era nítida a existência de uma aba em pedra que rodearia por completo o montículo. V. Silva, F. — A.P. (1987), *Escavação da Mamoa 2 da Aliviada (Alviada)*. — *Escariz, Arouca, 1984*, «Arqueologia», Porto, 15, pp. 77-91.

¹¹ Tais níveis de solos «enterrados» apenas foram assinalados de forma mais clara nas mamoas 1 de Alagoas e 1 do Calvário e ainda na Mamoa 1 do Castelo-Fajões que, embora já no concelho de Oliveira de Azeméis, pertence indubitavelmente à mesma área geográfica em que se insere a Mamoa 4 de Alagoas. V. Silva, F. — A.P. (s/d), *Escavação da Mamoa 1 do Calvário. Escariz-Arouca*, «Arqueologia», Portó, 19, no prelo.

Estratigraficamente, a partir das verticalizações das paredes das quatro sanjas de escavação abertas¹², a leitura que se obteve foi a seguinte, tomando como padrão o corte ENE-WSW (Fig. 7):

- Corte ENE-WSW: 1 — terra humosa superficial, de coloração acastanhada, de deposição natural;
- 2 — terra castanha muito escura, quase negra, formativa do *tumulus*;
- 3 — terra castanha amarelada clara;
- 4 — terra castanha amarelada muito clara, barrenta, que se encontra claramente depositada sobre o «cairn» de contrafortagem do dolmen;
- 5 — terras misturadas, castanhas escuras e de coloração amarelada, respeitante ao negativo de violação do monumento;
- 6 — alterite xisto-grauvácua de base.

Desta leitura estratigráfica que foi possível analisar, é notória uma certa homogeneidade na composição terrosa do *tumulus*, que nos aparece no essencial, composto por terras de coloração castanha, muito escuras, e onde não identificamos nível algum de possível solo antigo enterrado. Apesar disso, parece detectar-se uma certa descontinuidade na composição terrosa do montículo, com a existência de dois níveis de terras barrentas, de coloração amarelada, que indicam estarmos perante uma deposição antrópica, em que houve a preocupação de a sua deposição se circunscrever a uma área específica do monumento, o «cairn» de contrafortagem do dolmen, criando assim como que uma camada protectora envolvente (Fig. 6, 7).

É nítido que, por razões que nos são desconhecidas, os construtores do megálito, após o terem rodeado de um invólucro formado por grandes blocos em granito, o tenham completamente coberto por uma camada de terra, de composição xisto-argilosa, barrenta, sendo o todo posteriormente coberto pelo «*tumulus*» de terras negras, e por cima uma couraça pétreia. Não encontramos grande explicação para o caso, embora possa ter a ver com o interesse em isolar, toda a área deposicional funerária, de possíveis infiltrações pluviais, mas é apenas uma hipótese que só o continuar da investigação nos monumentos da região poderá vir a aclarar.

O *tumulus*, construído para proteger e relevar toda a estrutura deposicional funerária, cobriu ainda o espesso contraforte de envolvimento daquela, o qual se apresenta como um dos «cairn» mais potentes que temos verificado

¹² Tendo-se observado em todos os cortes estratigrafia idêntica, optou-se por apenas se apresentar aquele que compreende o paramento direito do corredor.

para os monumentos estudados na região, só comparado com o da Mamoa 2 da Aliviada e Mamoa 7 da Urreira, embora nestes casos, a área de protecção era mais reduzida pois estava limitada às câmaras poligonais simples que terão contido, o mesmo não acontecendo para a Mamoa 4 de Alagoas, em que se trata de um dolmen de corredor que é completamente envolvido pelo «cairn» exceptuando-se apenas a entrada do corredor. De referir que, tal estrutura de contrafortagem não foi construída imediatamente sobre a alterite de base, como se conhece para outros monumentos estudados, apresentando um recorte em triângulo rectângulo.

3.2. O Dólmen

Como já anteriormente tínhamos suspeitado¹³, e as escavações levadas a cabo na Mamoa 4 de Alagoas corroboraram, estamos perante o único montículo funerário para a região do fundo do concelho de Arouca, a conter no seu interior um dólmen de corredor. Embora muito destruído, os trabalhos realizados permitiram o estabelecimento da sua estrutura, de que passaremos de seguida a tratar.

3.2.1. A câmara

O Dólmen da Mamoa 4 de Alagoas, apresenta uma câmara funerária de que apenas podemos sugerir a sua tipologia, a partir das valas e possíveis «camas» dos esteios, de um esteio tombado na massa tumular, o fragmento de um outro, *in situ*, e ainda o próprio espaço delimitado pelo «cairn». Ainda que possamos pressupor a tipologia da câmara dolménica e a sua orientação, é porém pouco claro qual o número dos esteios que a compunham pois, apesar de existirem algumas valas abertas na alterite de base, o facto de esta se mostrar muito alterada não torna segura a atribuição a fazer àquele nível, pelo que achamos mais prudente não avançar com suposição alguma.

A câmara, que tinha assim um número indeterminado de esteios, de que apenas conhecemos dois, um completo e o fragmento proximal de outro, sendo este último que fazia a ligação entre a câmara e o corredor, no paramento direito deste, apresentava-se afundada em relação à área circundante que, podendo ser intencional, pode também estar ligado aos remeximentos que tal espaço funerário sofreu. Em planta, seria por certo poligonal, alongada no sentido do eixo de orientação, Norte-Noroeste/Sul-Sudeste, tendo a configuração poligonal

¹³ V. nota 2.

irregular. As dimensões internas deveriam rondar os cerca de três metros de comprimento, por cerca de dois metros de largura eixos respectivamente de Norte-Sul e Este-Oeste (Fig. 8, 10). As dimensões dos dois únicos esteios existentes, da câmara, são as seguintes:

Esteio nº 1 — comprimento médio 178 cm, largura média 79 cm, espessura média 24 cm;

Esteio nº 2 — comprimento médio 117 cm, largura média 56 cm, espessura média 23 cm. Deste esteio existe a ponta proximal, colocada no seu alvéolo, e o «grosso» do esteio sobre a mamoa.

Quanto ao facto de a câmara ter tido qualquer nivelamento, tipo lajeado, a grande destruição da mesma não permite que tomemos posição afirmativa nem negativa. Embora estejamos em crer que os construtores terão, por certo, providenciado a forma de resolver a «rudeza» da superfície daquele espaço, a realidade é que, durante a escavação, não foi assinalado vestígio algum de «pavimento», pelo que aqui fica a dúvida.

3.2.2. O corredor

Também o corredor foi violado, tendo-lhe sido, inclusivé, arrancados alguns dos esteios do mesmo, particularmente no paramento esquerdo (Fig. 9), voltado a Este-Sudeste, onde apenas duas lajes, tombadas na massa dos entulhos do corredor, foram assinaladas. Para o paramento direito, Este-Nordeste, o estado de conservação é bem melhor, pois podendo ter sido formado por sete esteios, restam seis colocados *in situ*.

De referir que todas as lajes foram colocadas em valas, a existência de algumas depressões para o lado esquerdo do corredor poderá estar ligada à colocação de esteios mas, pelas razões já aduzidas quando nos referimos à câmara, impedem-nos de tomar posição afirmativa. Dentro das valas abertas para o efeito, foram aquelas «calçadas» com pedras de pequeno tamanho. A disposição dos esteios é ligeiramente torsa para o interior, inclinados para o centro e adossados uns aos outros, em perfeito equilíbrio (Fig. 9).

As dimensões dos esteios, são as seguintes, segundo uma ordem da esquerda para a direita, em função de um observador colôcado voltado frontalmente para a entrada do corredor:

Esteio nº 1 — comprimento médio 98 cm, largura média 50 cm, espessura média 13 cm;

Esteio nº 2 — comprimento médio 122 cm, largura média 46,5 cm, espessura

média 18 cm;

Esteio nº 3 — comprimento médio 104 cm, largura média 61 cm, espessura média 14 cm;

Esteio nº 4 — comprimento médio 114 cm, largura média 36 cm, espessura média 25 cm;

Esteio nº 5 — comprimento médio 90 cm, largura média 60 cm, espessura média 16 cm;

Esteio nº 6 — comprimento médio 98 cm, largura média 38 cm, espessura média 24 cm;

Esteio nº 7 — comprimento médio 103 cm, largura média 36 cm, espessura média 14 cm;

Esteio nº 8 — comprimento médio 103 cm, largura média 62 cm, espessura média 29 cm.

Refira-se que os esteios números 1 e 2, são os únicos que existem no paramento esquerdo do corredor e, embora aí sejam apercebíveis algumas depressões, como já referimos, desconhecemos se este lado era constituído por um número de esteios idêntico ao existente no paramento direito. Apesar de incompleto, o corredor deverá ter tido um comprimento original de cerca de 4 metros, uma largura de cerca de 1 metro, apresentando-se descentrado face ao eixo da câmara, orientando-se a sua abertura para Este, ao mesmo tempo que a sua entrada não concidia com o limite exterior do *tumulus*, como pudemos constatar, distando cerca de três metros daquele.

A relação entre a entrada do corredor e a periferia do *tumulus*, assemelha-se ao que temos verificado para outros monumentos dolmênicos de corredor¹⁴, contudo aqui, o espaço de «circulação», entre aquela entrada e a coroa circular de contenção periférica é muito diminuta para poder ter constituído um possível «átrio», além de que o dólmen foi completamente submergido na massa tumular, que parece ter fechado, por completo, a totalidade do espaço deposicional funerário, tornando assim de pouca utilidade aquele corredor (Fig. 10).

¹⁴ Por exemplo no dolmen da Mamoa da Portela da Anta, em fase de estudo, em que o corredor parece abrir-se para um átrio, ou então no Dolmen de Chã de Parada (Mamoas 1), na Serra da Aboboreira. V. Jorge, V.O. e Bettencourt, A.M.S. (1988), *Sondagens arqueológicas na Mamoa 1 de Chã de Parada (Baião, 1987)*, «Arqueologia», Porto, 17, pp.73-118.

O facto de toda a estrutura dolménica ter sido bastante violada, leva-nos a ter um conhecimento truncado da mesma, pelo que no caso do corredor, desconhecemos como era realizado o seu fecho, pois pouco nos chegou que nos elucide sobre o assunto. Assim, devemos referir a existência à entrada do corredor, de duas pequenas lajes em granito, dispostas cravadas na alterite de base, com uma altura de cerca, em média, de um terço do tamanho total do esteio de que estavam mais próximas, as quais poderiam ter tido a função de «marcarem» a entrada do corredor, sendo o que restaria da possível estrutura de fecho daquele¹⁵.

Apesar das reduzidas dimensões que o corredor não deixava de apresentar, o mesmo distingui-se-ia tanto em alçado como em planta, tomando nós como ponto de referência, para o primeiro caso, a altura média do único esteio completo da câmara e, para o segundo, todo o espaço delimitado pelo «cairn» envolvente do dólmen e o espaço entre ambos os lados do corredor (Fig. 11), o que confirma de modo claro o afirmado. Quanto ao nível a que se encontrava o solo do corredor, para o qual apenas conhecemos a rocha de base, era sensivelmente o mesmo do da câmara e, como ela, também constituído pela alterite xisto-grauváquica.

Quanto ao «cairn» de contrafortagem do dólmen, devemos referir que, no tocante ao corredor, o mesmo acompanhava o corredor, até sensivelmente à entrada, prolongando-se quase até ao anel de contenção periférica, formando em alguns pontos como que uma só estrutura (Fig. 10).

4. ESPÓLIO

O espólio funerário, assinalado no decorrer dos trabalhos de escavação, foi muito escasso devido a que o monumento foi muito violado, parecendo inclusivé que o dolmen da Mamoia 4 de Alagoas terá sido alvo mesmo de escavações em épocas anteriores¹⁶. Por tudo isso, os artefactos ligados ao ritual funerário são em número reduzido, tanto ao nível dos artefactos líticos como no tocante a recipientes cerâmicos, estando estes últimos até pior representados, quer em número quer em qualidade. No total das peças obtidas, contaram-se 245 elementos, de que aqui entramos em linha de conta com os mais significativos, e que se encontram assim distribuídos:

¹⁵ É bem possível que a entrada do corredor fosse bloqueada com alguma laje, porém desconhecemos tal aspecto pois o monumento chegou até nós muito violado.

¹⁶ Embora tenhamos abordado alguns elementos da população sobre o assunto, nada nos souberam dizer, embora se recordem alguns deles das escavações de Pinho Brandão, em que mesmo alguns participaram na escavação de monumentos no Coval e Venda da Serra, desta freguesia de Escariz. Apesar disso estamos em crer que o monumento em causa foi intervencionado não propriamente por «buscadores de tesouros».

ESPÓLIO LÍTICO	
Geométrico/triângulo	1
Geométrico/trapézio	1
Fragmentos de lâmina	3
Lascas residuais	3
ESPÓLIO CERÂMICO	
Fragmentos cerâmicos	31
ELEMENTOS DE ADORNO	
Contas discóides perfuradas	206
TOTAL	245

Quadro I: Distribuição do espólio assinalado na Mamoa 4 de Alagoas.

4.1. Descrição

4.1.1. Artefactos líticos (Fig. 12)

- Geométrico/triângulo escaleno, em quartzo leitoso, foi assinalado sobre a alterite de base, no interior da câmara funerária, tem as seguintes dimensões: comprimento 2,69 cm, largura 1,6 cm, espessura 0,18 cm (Fig. 12.1);
- Geométrico/trapézio assimétrico, em sílex, foi assinalado nas terras revolvidas da câmara, sobre a alterite de base, tem as seguintes dimensões: comprimento 1,76 cm, largura 1,55 cm, espessura média 0,2 cm (Fig. 12.2). O índice entre o comprimento e a largura leva a que o mesmo se aproxime bastante dos índices obtidos para as pontas de seta de gume transversal;
- Três fragmentos pertencentes a uma mesma lâmina, em sílex negro, com fractura na ponta distal. A metade inferior do bordo esquerdo da lâmina, ponta proximal, apresenta retoque directo, semi-abrupto, marginal, paralelo. Tem as seguintes dimensões: comprimento conservado 6,15 cm, largura média 1,3 cm, espessura 0,2 cm (Fig. 12.3).

O restante espólio lítico consistiu, como indica o Quadro I, em três lascas residuais em sílex, de reduzidas dimensões, em que os bolbos se apresentam bem marcados, tendo uma delas sido utilizada, muito possivelmente, como uma lamela.

4.1.2. Cerâmica

O espólio cerâmico é aquele que pior se encontra representado, devido tanto ao número reduzido dos seus elementos, como também pelo estado fragmentário que apresentam que não permite reconstituição alguma de formas, sendo de todo incharacterístico. Dos 31 fragmentos assinalados, a grande percentagem foram-no no *tumulus*, excluindo-se alguns pequenos fragmentos, com evidentes sinais de torno de oleiro, de pasta castanha clara, com e.n.p. finos, detectados sobre as pedras da caparaça, no sector sul do montículo e fragmentos cerâmicos, de pasta muito grosseira, de colocação avermelhada, com e.n.p. médios a grossos, que foram assinalados colocados na camada geológica, também no sector sul.

4.1.3. Elementos de adorno

Como vem sendo comum para os monumentos que temos estudado na região de Arouca, o aparecimento de pequenas contas discóides, perfuradas, em xisto, é uma constante, embora também se conheçam excepções a esta «regra», como são as mamoas 1 do Calvário, 7 da Urreira, Dólmen 1 da Mamoa da Portela da Anta e ainda a Mamoa 1 do Castelo em Fajões¹⁷. Para o monumento em causa, foram assinaladas duzentas e seis contas, todas elas dentro da área da câmara funerária, misturadas nos níveis de revolvimento, sendo poucas aquelas assinaladas imediatamente sobre a alterite da rocha de base.

5. A ARTE

No dólmen da Mamoa 4 de Alagoas foi identificada uma gravura, localizada num dos esteios do corredor, lado direito. Este esteio, numerado com o número sete, segundo uma ordenação tomada a partir do primeiro esteio lateral esquerdo do corredor, apresenta-se com um recorte sub-trapezoidal alongado, com um comprimento de 103 cm, uma largura média de 36 cm e uma espessura média de 14 cm, o que lhe confere um aspecto esteliforme.

O granito, em que o esteio/estela foi feita, é de grão muito grosso e tem a superfície, voltada ao interior do corredor, aplanada mas muito erodida, áspera ao tacto.

¹⁷ V. Silva, F. — A.P. (s/d), *Escavação da Mamoa 1 do Castelo-Fajões. Oliveira de Azeméis*, Rel. Inédito, 1988.

É nesta superfície que se encontra uma gravura, a qual se distribui ocupando toda a zona central da laje, e que consiste num reticulado formado por sete linhas sub-verticais, cortadas por quatro linhas sub-horizontais. Os espaços assim definidos, apresentam-se irregulares e desiguais, diminuindo tais reticulados à medida que se aproximam da base do esteio, terminando então a gravura em espaços com tramos arciformes (Figs. 13 e 14). O facto de algumas das linhas gravadas nos aparecerem incompletas e quase todas irregulares poderá dever-se quer ao aspecto erosionado que a laje apresenta, como a terem sido já assim gravadas.

A técnica utilizada na gravura foi o picotado, não tendo a qualidade da matéria-prima escolhida sido a melhor pois, não favoreceu a realização do trabalho, de que desconhecemos se foi aplicado colorante algum. Estilisticamente, esta gravura assemelha-se aos reticulados gravados num dos esteios do dólmen da Mamoa 1 da Aliviada¹⁸.

Nos restantes esteios existentes, no corredor e câmara, não se assinalou indício algum de gravuras embora não possamos invalidar a possibilidade de que no dólmen não tenham sido gravados outros motivos, a que contudo a matéria-prima tornava de difícil realização.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De todo o exposto a páginas precedentes, ficou claro que a Mamoa 4 de Alagoas cobria um dolmen de corredor, que podemos considerar curto, voltado a Este, com uma câmara de planta poligonal alongada, orientada no sentido Norte-Noroeste/Sul-Sudeste.

Tal monumento, único até ao momento para o grande território necropolizado que representa o Sudoeste da Bacia do Arda, concelho de Arouca, apesar das características tipológicas excepcionais que apresenta, no conjunto dos *tumuli* da região, foi recoberto por um *tumulus* clássico já que, para todos os monumentos por nós estudados, ou ainda para aqueles que temos observado, é comum existir um montículo formado por terras, a que melhor ou pior, total ou parcialmente, foi adossada pelos construtores, uma carapaça de cobertura. As excepções a esta regra são casos raros na região, assim como em outras regiões «megalíticas», daí que os montículos funerários se nos apresentem como a principal característica homogénea, encobrindo todo um polimorfismo de soluções arquitectónicas funerárias, culturalmente e, ou, cronologicamente estabelecidas.

¹⁸ Silva, F. — A.P (1984), *A Arte Parietal do Dolmen da Aliviada-Escariz*. «Aveiro e o seu Distrito», Aveiro, 33, pp. 37-45.

Apesar das características tipológicas do monumento estudado, o seu parco espólio apresenta uma mesma linha condutora com a dos outros espaços deposicionais conhecidos. Assim, surgem-nos os geométricos, acompanhando uma lâmina e pouco mais de duas centenas de contas discóides perfuradas em xisto que, numa leitura horizontal com os espólios dos outros monumentos estudados, é significativo de parecer apontar para um mesmo horizonte cultural de espaços funerários tão diferentes como o contido na Mamoia 1 e 2 da Aliviada, Alagoas 1 e ainda Aliviada 4. Também ao nível do simbolismo funerário-religioso se parecem detectar algumas afinidades.

Por tudo isto nos parece que a ambiência cronológica deste megálito sob *tumulus* não se deverá afastar da daqueles monumentos, podendo assim ser posicionado cronologicamente ente os meados/ finais do IV^o milénio a.C., em datação relativa, e inícios do III^o milénio a.C.

BIBLIOGRAFIA

- JORGE, V.O. (1982), *Megalitismo do Norte de Portugal: o Distrito do Porto — os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, Faculdade de Letras, Porto, vol. I.
- JORGE, V.O. (1987), *Megalitismo de Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes (Norte de Portugal): conhecimentos actuais e linhas de pesquisa a desenvolver*, «El Megalitismo en la Península Ibérica», Ministério da Cultura, Madrid, pp. 111-125.
- JORGE, V.O. e BETTENCOURT, A.M.S. (1988), *Sondagens arqueológicas na Mamoia 1 de Chã de Parada (Baião, 1987)*, «Arqueologia», Porto, 17, pp. 73-118.
- SILVA, F. — A.P. (1986), *Mamoia 2 da Aliviada-Escariz*, «Informação Arqueológica», Lisboa, 6, pp. 30-31.
- SILVA, F. — A.P. (1986-a), *Monumentos Megalíticos da freguesia de Escariz (Arouca). Ponto da situação à luz dos primeiros trabalhos*, «Trabalhos de Antropologia e Etnologia», Porto, 26 (1-4), pp. 51-74.
- SILVA, F. — A.P. (1986-b), *Mamoia 1 de Alagoas-Escariz*, «Informação Arqueológica», Lisboa, 7, pp. 9-12.
- SILVA, F. — A.P. (1987), *Características do Megalitismo na freguesia de Escariz (Concelho de Arouca)*, «Actas das I Jornadas de História e Arqueologia do Concelho de Arouca», Arouca, pp. 21-38.
- SILVA, F. — A.P. (1987-a), *Escavação da Mamoia 2 da Aliviada (Alviada) — Escariz. Arouca, 1984*, «Arqueologia», Porto, 15, pp. 77-91.
- SILVA, F. — A.P. (1987-b), *Mamoia 4 da Aliviada-Escariz*, «Informação Arqueológica», Lisboa, 8, pp. 9.
- SILVA, F. — A.P. (1989), *Mamoia 1 do Calvário. Escariz-Arouca*, «Arqueologia», Porto, 19, no prelo.

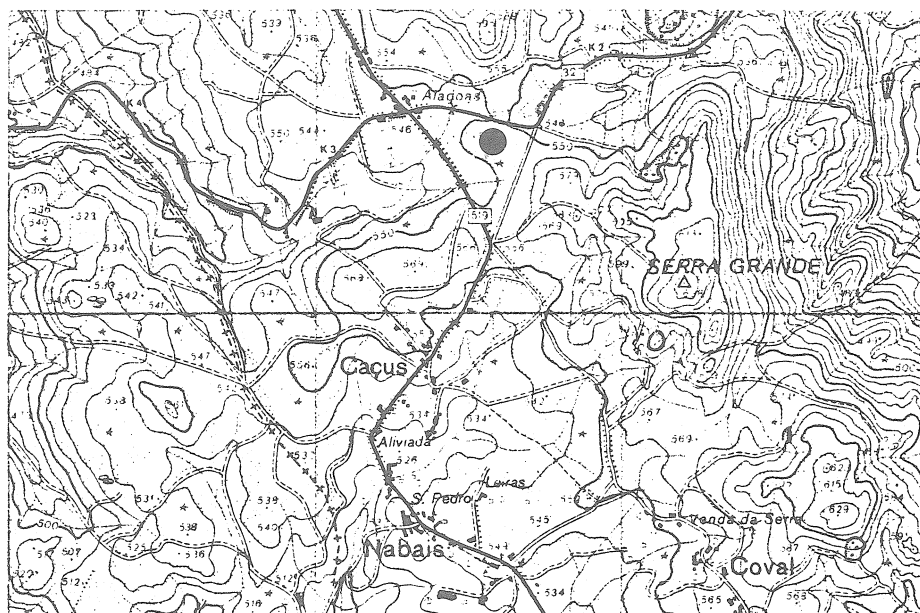


Fig. 1 — Localização da Mamoa 4 de Alagoas, segundo a Carta Militar de Portugal, Folha 154 — S. João da Madeira, Esc. 1:25.000, S.C.E.



Fig. 2 — Vista do monumento após o desbaste da cobertura vegetal, tomada sensivelmente de Norte-Noroeste.

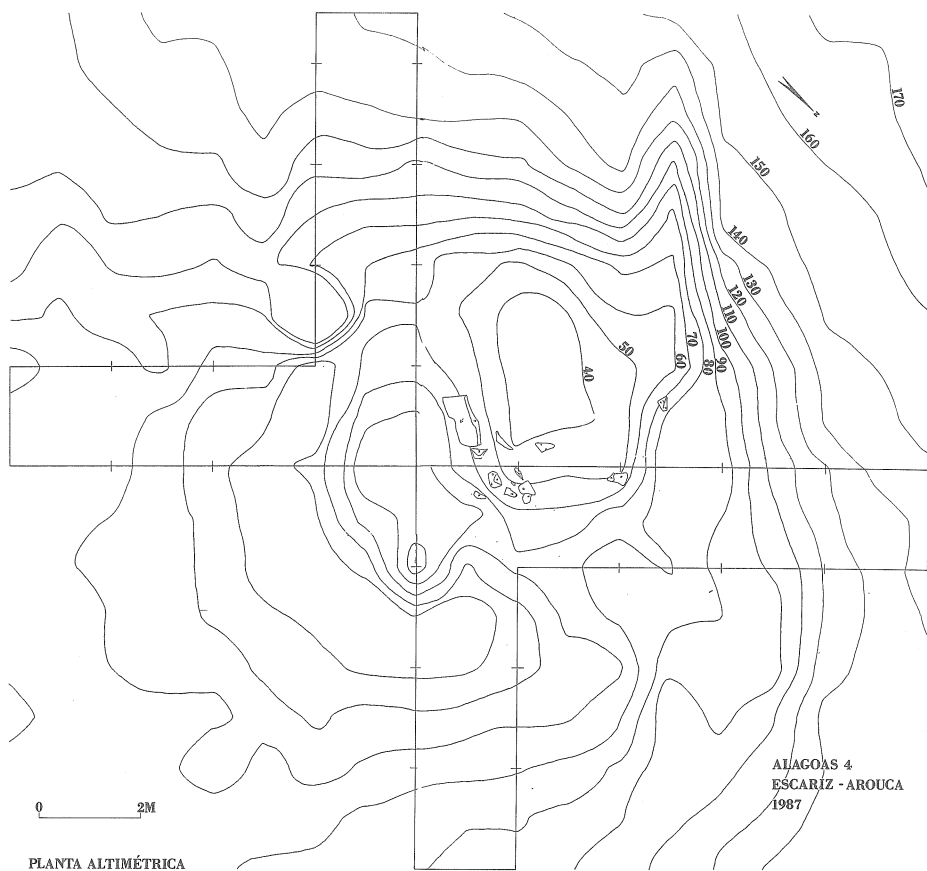


Fig. 3 — Altimetria das curvas de nível do monumento. Equidistância de 10 cm.



Fig. 4 — Vista da couraça de cobertura do montículo, tomada de Sul.

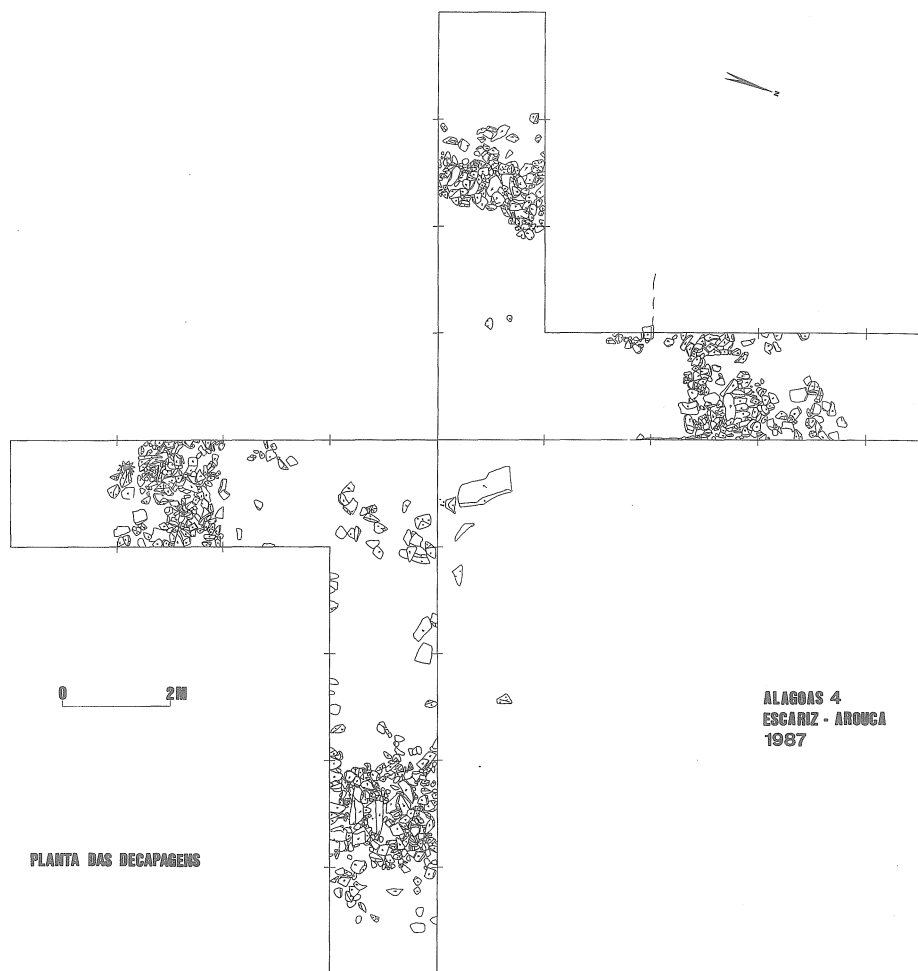


Fig. 5 — Planta da decapagem superficial da Mamoa 4 de Alagoas.

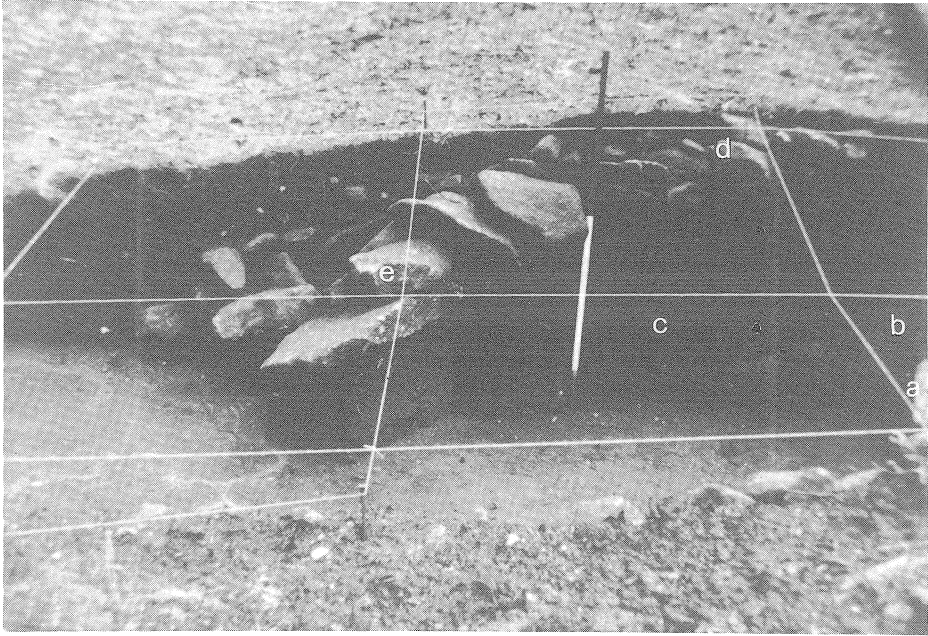


Fig. 6 — Pormenor do sector terminal do tumulus, sanja Norte: a) «cairn» de contrafortagem; b) nível de terras amareladas sobre o «cairn» de contrafortagem; c) terras do *tumulus*; d) couraça de cobertura; e) coroa circular de contenção periférica.

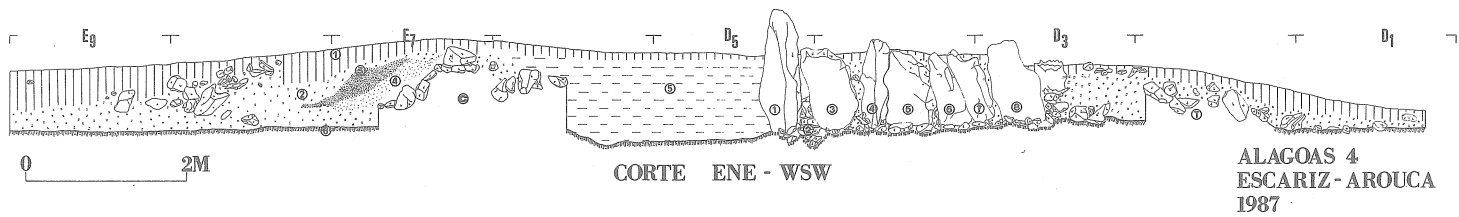


Fig. 7 — Corte Este-Nordeste-Oeste-Sudoeste.



Fig. 8 — Vista parcial do dólmen de corredor, tomada sensivelmente de Este-Sudeste.

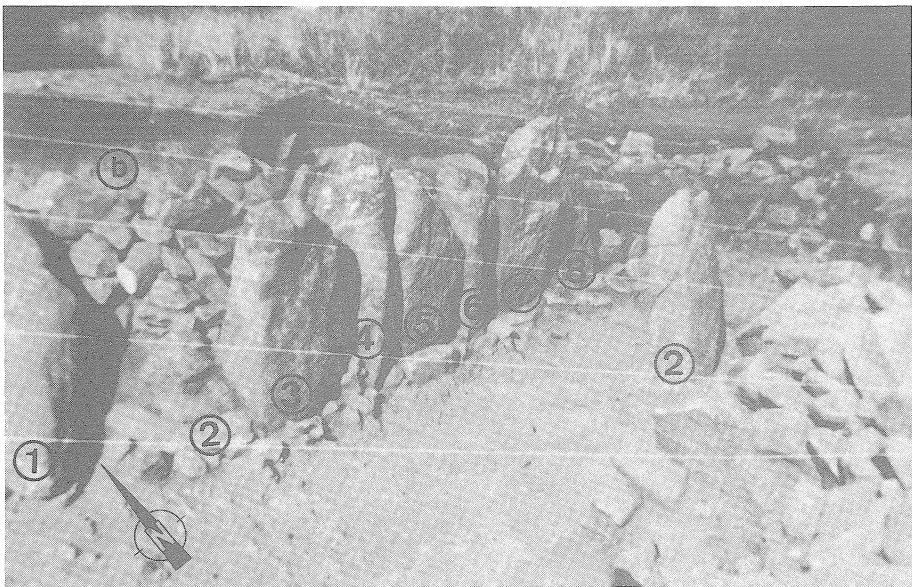


Fig. 9 — O corredor do dólmen, tomada sensivelmente de Sul-Sudeste. Em segundo plano pode-se apreciar o nível de terras amareladas cobrindo o «cairn» de contrafortagem (b).



Fig. 10 — Vista de pormenor do «tumulus», no ponto limite do corredor: a) «cairn»; b) possível estrutura de fecho do corredor; c) couraça de cobertura; e) esteio.

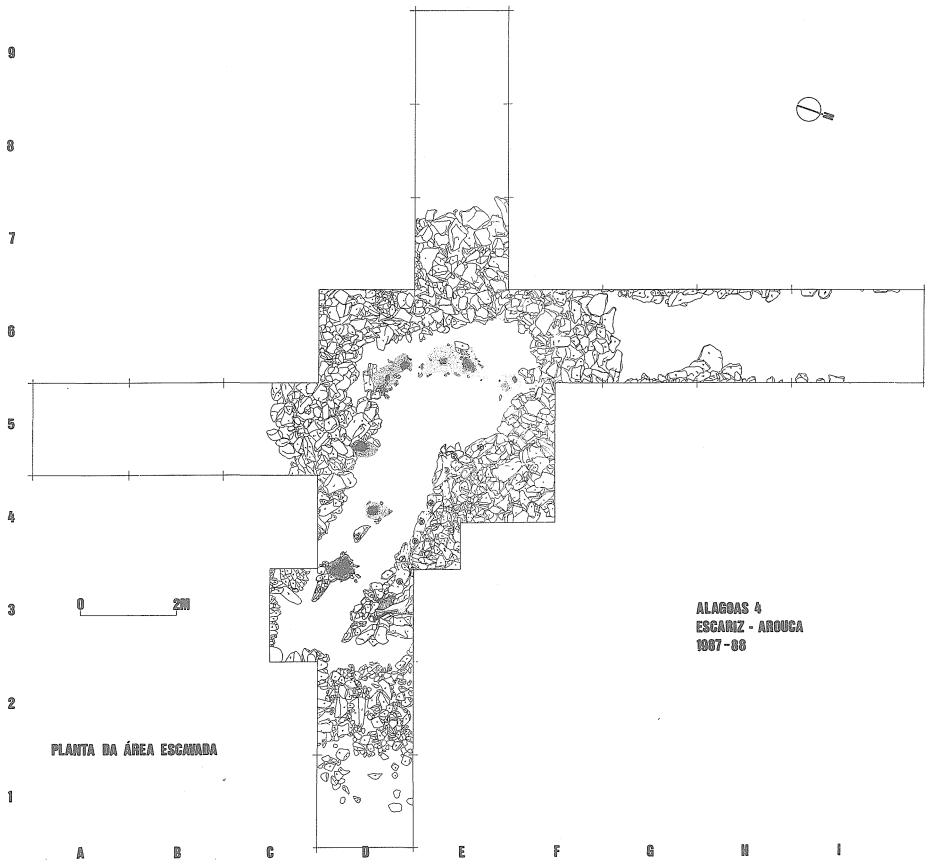


Fig. 11 — Planta das estruturas internas da Mamoa 4 de Alagoas após os trabalhos de decapagem até ao nível da alterite de base.

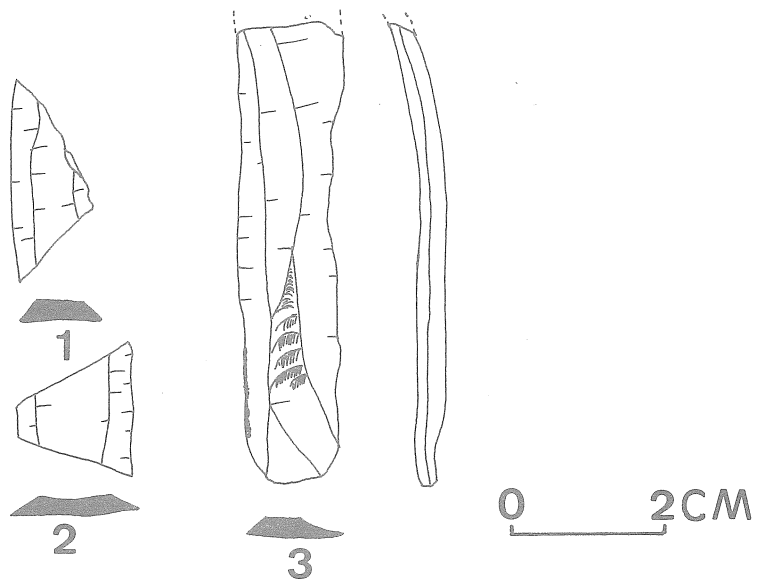


Fig. 12 — Espólio da Mamoa 4 de Alagoas.

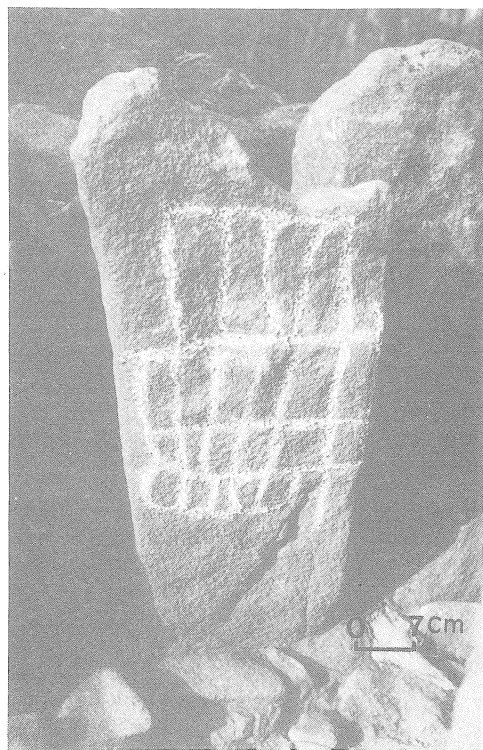


Fig. 13 — O esteio-estela gravado do corredor do dólmen da Mamoa 4 de Alagoas.

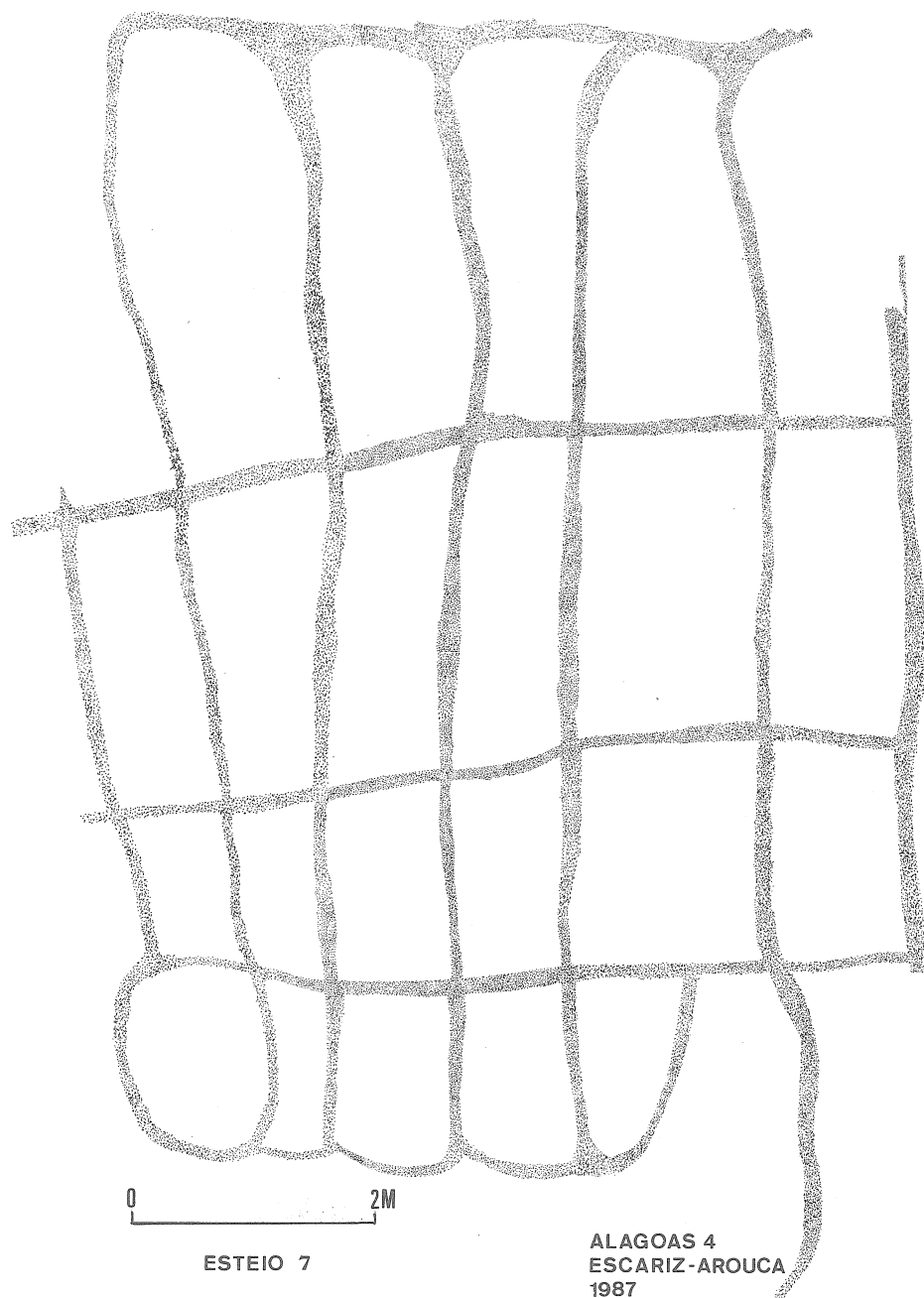


Fig. 14 — Decalque da gravura do esteio-estela.